

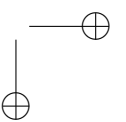
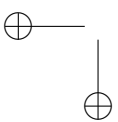
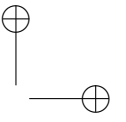
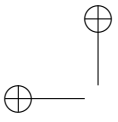
# VERDADE E VIDA



**Miguel de Unamuno**

Tradução: João da Silva Gama  
Apresentação: Artur Morão

[www.lusosofia.net](http://www.lusosofia.net)





LUSOSofia:press

Covilhã, 2008

FICHA TÉCNICA

Título: *Verdade e Vida*

Autor: Miguel de Unamuno

Tradutor: João da Silva Gama

Colecção: Textos Clássicos de Filosofia

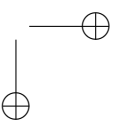
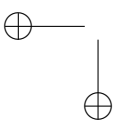
Direcção da Colecção: José M. S. Rosa & Artur Morão

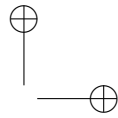
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: José M. S. Rosa

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2008



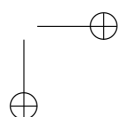
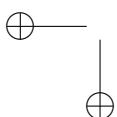


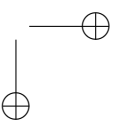
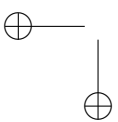
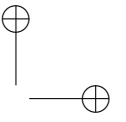
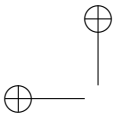
## Apresentação

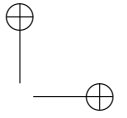
Para neste ensaio a mesma atmosfera que se agita em *A minha religião*; nasce também ele da inflexão que, desde 1897, o pensamento de Unamuno sofreu para temas que, algumas décadas mais tarde, surgiriam no âmbito do existencialismo: a descoberta da solidão do indivíduo e o drama vital do sujeito, o valor e a intensidade da decisão pessoal, a denúncia da simples abstracção e dos cânones lógicos como norteadores da conduta da existência, o perigo da inautenticidade, o refúgio insalubre no geral e no anónimo ou na ideologia do homem-gente, a deriva para o esteticismo como fuga perante a dificuldade de viver, e muitos outros.

Mas aqui o filósofo realça sobretudo a importância da sinceridade como raiz de toda a moral autêntica, o amor da verdade pela verdade, muitas vezes ausente nos que se dedicam a uma religiosidade puramente institucional, que até pode gerar estruturas de mentira ou fraudulentas – o que se aplica igualmente aos cultores do cientismo e aos que absolutizam o relativo. E, por último, o apreço pela especulação empenhada e inspirada que, por vezes e paradoxalmente, engendra novas práticas e transforma as existentes, além de ser um factor fundamental no “contexto da descoberta”!

Artur Morão







# Verdade e Vida

Miguel de Unamuno

1908

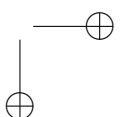
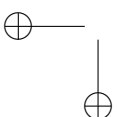
Alguém que leu a minha correspondência aqui publicada, que intitulei *A minha religião*, escreve-me a pedir que esclareça ou amplie a fórmula que ali empreguei: que se deve buscar a verdade na vida e a vida na verdade. Vou fazer-lhe a vontade, procedendo por partes.

Primeiro: a verdade na vida.

Desde sempre foi a minha convicção, mais arraigada e mais corroborada em mim à medida que o tempo vai passando: que a suprema virtude de um homem deve ser a sinceridade. O vício mais feio é a mentira, os seus derivados e disfarces, a hipocrisia e o exagero. Prefiro o cínico ao hipócrita, não fora aquele já parte deste.

Abrigo a profunda crença de que, se todos disséssemos sempre e em cada caso a verdade, a verdade nua e crua, ao princípio ameaçaria tornar-se inabitável a terra, mas depressa acabaríamos por nos entender como hoje não nos entendemos. Se todos, podendo assomar ao bocal das consciências alheias, víssemos despidas as almas, as nossas rixas e suspeitas fundir-se-iam todas numa imensa piedade mútua. Veríamos as negruras do que temos por santo, mas também a alvura daquele que consideramos um malvado.

E não basta não mentir, como o oitavo mandamento da lei de Deus nos ordena, mas é preciso dizer a verdade, o que não é a

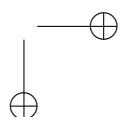
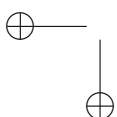




mesma coisa. Pois que o progresso da vida espiritual consiste em passar dos preceitos negativos aos positivos. O que não mata, nem fornicar, nem furta, nem mente, possui uma honradez puramente negativa e, por aqui, não vai a caminho de santo. Não basta não matar, é preciso acrescentar e melhorar as vidas alheias; nem basta não fornicar, mas há que irradiar pureza de sentimento; nem basta não furtar, pois importa acrescentar e melhorar o bem-estar, a riqueza pública e a dos outros; nem basta também não mentir, mas dizer a verdade.

Há que observar agora outra coisa – e com isto respondo, ao mesmo tempo, a maliciosas insinuações de um ou outro espontâneo e, para mim, desconhecido correspondente dessas aldeolas; como há muitas, muitíssimas, mais verdades por dizer do que tempo e ocasiões para dizê-las, não podemos dedicar-nos a dizer aquelas que este ou aquele indivíduo quereria que disséssemos, mas aquelas que julgamos mais momentosas ou mais a propósito. Sempre que alguém nos repreende porque não proclamamos estas ou aquelas verdades, podemos responder-lhe que, se fizéssemos como ele quer, não poderíamos proclamar outras verdades que proclamamos. E, não raro, acontece também que aquilo que eles consideram como verdade, partindo do suposto que também como tal a consideramos, não é assim.

E direi aqui – entre parêntesis – a esse malicioso correspondente que, embora não considere como poeta o escritor a quem ele quer que eu fustigue, dizendo o seu nome, também não tenho por tal um outro que ele admira e supõe, equivocando-se, que eu devo admirar. Com efeito, se um nada mais faz do que revestir com uma forma abigarrada e com um traje cheio de berliques, franjas e cordões, um manequim sem vida, o outro diz algumas coisas consistentes e com brio – entre muitas parvoeiras –, mas coisas, pouco ou nada poéticas e, sobretudo, di-las de forma deplorável, em parte pelo empenho de as sujeitar à rima, que lhe oferece resistência.







E disto tudo lhe falarei mais extensamente numa correspondência que intitularei: *Nem um nem outro*.

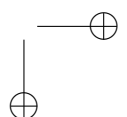
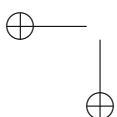
Voltando ao meu tema presente, e porque julgo já ter dito bastante sobre a busca da verdade na vida, passo ao seguinte: buscar a vida na verdade.

É que há verdades mortas e verdades vivas; melhor dizendo: visto que a verdade não pode morrer nem estar morta, há quem receba certas verdades como coisa morta, puramente teórica e que em nada lhes vivifica o espírito.

Kierkegaard dividia as verdades em essenciais e acidentais, e os pragmatistas modernos, liderados por William James, avaliam uma verdade ou um princípio científico segundo as suas consequências práticas. Assim, a alguém que diz acreditar que há habitantes em Saturno, perguntam-lhe qual das coisas que agora faz não faria ou qual das que não faz faria, no caso de não crer que há habitantes em tal planeta, ou em que modificaria a sua conduta, se mudasse de opinião a tal respeito. Se responder: em nada, replicam-lhe que nem isso é crer em coisa alguma nem nada que se lhe pareça.

Mas este critério, assim tomado – devo confessar que não o tomam assim, tão toscamente, os mentores da escola – é de uma tacanhez inaceitável. O culto da verdade pela verdade em si mesma é um dos exercícios que mais eleva o espírito e o fortifica.

Para a maioria dos eruditos, que habitualmente é gente mesquinha e invejosa, a busca insistente de pequenas verdades, o esforço por rectificar uma data ou um nome, não passa ou de um desporto ou de uma monomania ou de um pontinho de pequena vaidade; mas num homem de alma elevada e serena, e nos eruditos de erudição que se poderia chamar religiosa, tais buscas implicam um culto à verdade. Com efeito, aquele que não se acostuma a respeitá-la no pequeno nunca chegará a respeitá-la no grande. Além de nem sempre sabermos o que é o grande e o que é o pequeno, nem o alcance das consequências que se podem derivar de algo que avaliamos, não já como pequeno, mas como mínimo.



Todos ouvimos falar da religião da ciência, que não é – Deus nos livre! – um conjunto de princípios e dogmas filosóficos derivados das conclusões científicas e que irão substituir a religião, fantasia que acarinham esses pobres cientificistas de que, outras vezes, vos falei, mas que é o culto religioso pela verdade científica, a submissão do espírito frente à verdade objectivamente demonstrada, a humildade de coração para nos rendermos ao que a razão nos comprove como verdade, seja em que ordem for e mesmo que não nos agrade.

Este sentimento religioso de respeito pela verdade nem é muito antigo no mundo nem o possuem os que mais alardes fazem de religiosidade. Durante os primeiros séculos do cristianismo e na Idade Média, a fraude piedosa – assim se chama: *pia fraus* – foi corrente. Bastava que uma coisa se considerasse edificante para que se pretendesse fazê-la passar por verdadeira. Cabendo, como cabe, num pedaço de papel do tamanho de uma mortalha de cigarro, o que os Evangelhos dizem de José, o esposo de Maria, houve quem tivesse escrito uma *Vida de S. José, patriarca*, que ocupa 600 páginas de leitura compacta. Que poderá ser o seu conteúdo, senão declamações ou piedosas fraudes?

De vez em quando recebo escritos, quer de católicos, quer de protestantes – mais destes, que têm mais espírito de proselitismo do que aqueles – em que se trata de demonstrar-nos tal e tal coisa conforme a seu credo, e neles costuma resplandecer muito pouco amor à verdade. Retorcem e violentam textos evangélicos, interpretam-nos sofisticadamente e acumulam argúcias apenas para os levar a dizer, não o que dizem, mas o que eles querem que digam. O resultado é que esses exegetas imbuídos de racionalismo – não me refiro, claro está, aos sistemáticos detractores do cristianismo, como Nietzsche, ou aos espíritos superficiais que escrevem dissertações procurando demonstrar que Cristo não existiu, que foi discípulo de Buda, ou uma fantasmagoria do estilo –, esses exegetas demons-



traram no seu culto religioso à verdade uma religiosidade muito maior do que os seus sistemáticos refutadores e detractores.

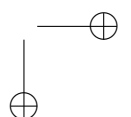
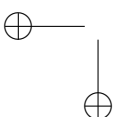
E este amor e respeito à verdade, este buscar nela a vida, pode exercer-se investigando as verdades que nos pareçam menos pragmáticas.

Já Platão fazia dizer a Sócrates no *Parménides*, que quem, quando jovem, se não exercitou a analisar esses princípios metafísicos, que o vulgo considera uma ocupação ociosa e de ociosos, jamais chegará a conseguir verdade alguma de valor. Isto é: traduzindo para a linguagem de hoje, aí nessa terra, os caçadores de moedas que desprezam as *pilhérias* jamais conhecerão algo que torne a vida mais nobre; e mesmo que façam crescer a fortuna terão paupérrima a alma, sendo durante toda a vida uns beócios. Séculos depois de Platão, outro excelso espírito, embora de têmpera diferente daquele, o chanceler Bacon, escreveu que “não se hão-de ter por inúteis aquelas ciências que não têm uso, sempre que agucem e disciplinem o engenho”.

Eis um sermão que se deve fazer diariamente – e por mim assim será –, naqueles países e entre aquelas gentes onde floresce o apreço pela engenharia, com desdém das outras actividades.

No vulgo isto é inevitável, já que só ajuíza pelos efeitos materiais, pelo que lhe entra pelos olhos. E assim, é muito natural que, perante o telefone, o fonógrafo e outros aparelhos que lhe dizem ser invenção de Edison – ainda que, em rigor, só em parte sejam deste expedito empresário de invenções técnicas – imaginem que o tal Edison é o mais sábio e mais genial dos físicos hoje existentes e ignorem até os nomes de tantos outros que o superaram em ciência. Eles, os do vulgo, não viram nenhum aparelho inventado por Maxwell, por exemplo, e ficam-se por Edison, tal como continuam a acreditar que o fantástico vulgarizador Flammarion é um estupendo astrónomo.

Este mal, juntamente com o do cientificismo, será maior do que noutros países como esse, formado em grande parte por emigrantes





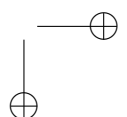
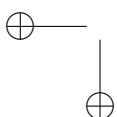
de todos os cantos do mundo que vão em busca de fortuna e, ao fazê-la, procuram instruir-se à pressa e a correr; e, além disso, em países onde os fortes e nobres estudos filosóficos não gozam de estima pública e onde a ciência pura se submete à engenharia, que ajuda a ganhar uns patacos. Pelo menos, depressa.

Digo depressa, porque onde a cultura é complexa, todos compreenderam o valor prático da pura especulação e sabem quanto cabe a um Kant ou a um Hegel nos triunfos militares e industriais da Alemanha moderna. E sabem que, se na altura em que Staudt iniciou a geometria pura ou de posição este ramo da ciência não passava de uma ginástica mental, hoje assenta nela uma grande parte do cálculo gráfico que pode ser útil até para a extensão dos cabos.

Mas, além desta utilidade mediata, ou a longo prazo, que podem vir a ganhar os princípios científicos que nos parecem abstractos, há a utilidade imediata de que a sua investigação e o seu estudo educam e fortificam a mente muito melhor do que o estudo das aplicações científicas.

Quando começamos a renegar a ciência pura, que nunca verdadeiramente cultivámos – e por isso a renegamos – e tudo se transforma num falar de estudos práticos, sem entender bem o que isto significa, os povos em que mais progrediram as aplicações científicas censuram-se a si mesmos pelo politecnicismo e desconfiam dos pragmáticos. Um simples engenheiro – isto é, um engenheiro sem verdadeiro espírito científico, porque há os que o têm – pode ser tão útil para traçar uma via-férrea como um mero advogado para defender um pleito; mas nem aquele fará avançar a ciência um passo, nem a este confiaria eu a reforma da Constituição de um povo.

Buscar a vida na verdade é, pois, tentar no culto desta enobrecer e elevar a nossa vida espiritual e não converter a verdade, que é e deve ser sempre viva, num dogma, que costuma ser uma coisa morta.



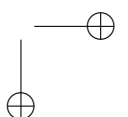
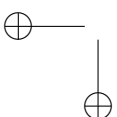


Durante um longo século lutaram os homens, apaixonando-se pela questão de se o Espírito Santo procede só do Pai ou do Pai e do Filho ao mesmo tempo; e foi esta luta que deu origem a que no credo católico se acrescentasse o *Filioque*, onde se diz *qui ex Patre Filioque procedit*. Mas hoje, que católico se apaixonou por isto? Perguntai ao católico mais piedoso e de melhor boa fé, perguntai aos sacerdotes porque é que o Espírito Santo há-de proceder do Pai e do Filho, e não só do primeiro, ou que diferença implica na nossa conduta moral e religiosa acreditar numa ou noutra coisa, deixando de lado a submissão à Igreja que ordena que assim se creia, e vereis o que vos diz. De facto, o que outrora foi expressão de um vivo sentimento religioso, à qual com certo respeito se pode chamar verdade de fé – sem que com isso pretenda eu afirmar a sua verdade objectiva – não passa hoje de um simples dogma morto.

E a condenação pelo actual Papa das doutrinas do chamado modernismo deve-se apenas a que os modernistas – Loisy, Le Roy, o padre Tyrrell, Murri, etc. – procuram devolver vida de verdades a dogmas mortos, e o Papa – ou melhor dizendo, os seus conselheiros –, coitado, não é capaz de mergulhar em tais funduras –, sabe, com acutilante sagacidade, que, ao tentar-se vivificar tais dogmas, estes acabam por morrer de todo. Sabem que há cadáveres que, ao tratar-se de lhes insuflar nova vida, se desfazem em pó.

E esta é a principal razão por que se deve buscar a vida de todas as verdades: para que aquelas que parecem sê-lo, e não o são, se nos mostrem como realmente são, como não verdades ou apenas verdades aparentes. E o que há de mais oposto a buscar a vida na verdade é proscrever o exame e declarar que há princípios intangíveis. Não há nada que não deva examinar-se. Desgraçada a pátria onde não se permite analisar o patriotismo!

E eis aqui como se entrelaçam a verdade na vida e a vida na verdade: aqueles que não se atrevem a buscar a vida das verdades que professam como tais nunca vivem com verdade na vida. O crente que se opõe a examinar os fundamentos da sua crença é um

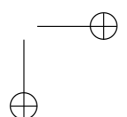
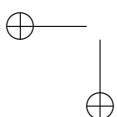




homem que vive na insinceridade e na mentira. O homem que não quer pensar em certos problemas eternos é um embusteiro, e nada mais do que um embusteiro. E é assim que costumam andar unidas, nos indivíduos e nos povos, a superficialidade e a insinceridade. Povo irreligioso, isto é, povo em que os problemas religiosos não interessam a quase ninguém – seja qual for a solução que se lhes dê –, é povo de embusteiros e exibicionistas, onde o que importa não é ser, mas parecer ser.

Aqui está como entendo a expressão: verdade na vida e vida na verdade.

Salamanca, Fevereiro de 1908





## [Nota do Tradutor]

Serviu de base a esta versão o texto como surge na edição da Aguilar, *Ensayos*, tomo II, Madrid 1951, pp. 377-384.

O leitor interessado poderá encontrar o original espanhol no seguinte electro-sítio:

**[Antología del Ensayo – Miguel de Unamuno](#)**

